

## **Desafios para as políticas públicas: a Baixada Santista na transição demográfica brasileira**

*Maria Graciela González de Morell*

*Marinez Villela Macedo Brandão*

*Lúcia Mayumi Yazaki*

*Paulo Borlina Maia*

*Wilson Sabino*

*Felipe Granado*

### **Resumo**

O presente capítulo tem como objetivo analisar e compreender os processos populacionais de crescimento, decorrentes da trajetória das variáveis demográficas, fecundidade e mortalidade e dos movimentos migratórios, e de conformação e ocupação do espaço metropolitano da Baixada Santista, nos primeiros dez anos do século XXI, e suas repercussões na demanda por políticas públicas. As disparidades das tendências populacionais da RMBS, desde a estagnação do crescimento dos municípios centrais, até a pujança dos periféricos, consequência das migrações, bem como os processos de feminização, de alta fecundidade em idades jovens, de prevalência das causas violentas na mortalidade e especialmente do envelhecimento populacional, indicam a persistência das grandes desigualdades regionais e nos estratos sociais, colocando desafios de atendimento dos direitos fundamentais de educação, moradia e saúde.

Palavras Chaves: demografia; fecundidade, mortalidade, estrutura etária, desigualdade social.

### **Abstract**

This chapter aims to analyze and understand the processes of population growth, resulting from the trajectory of demographic variables, fertility, mortality and migration, and conformation and occupancy of the metropolitan area of Santos, during the first decade of the XXI century and its impact on demand for public policies. Disparities of population trends of RMBS since the stagnant growth of central cities, even the strength of the peripheral, a consequence of migration as well as the processes of feminisation, high fertility at young ages, the prevalence of violent causes of mortality and especially aging population, indicate the persistence of large regional and in social strata disparities, presenting challenges for meeting the fundamental rights of education, housing and health.

Key words: demography, fertility, mortality, age structure, social inequality

## **1. Introdução**

A Região Metropolitana da Baixada Santista, RMBS, criada pela Lei Complementar nº 815, de 30 de julho de 1996, ocupa um território de 2.373 km<sup>2</sup>, e é formada por nove municípios: Bertioga, Cubatão, Guarujá, Itanhaém, Mongaguá, Peruíbe, Praia Grande, Santos e São Vicente. Cabe destacar, que a mesma apresenta a particularidade de seis de seus municípios – Bertioga, Cubatão, Guarujá, Praia Grande, Santos e São Vicente – pertencerem à Microrregião de Santos, componente da Mesorregião Metropolitana de São Paulo, e os três restantes, Itanhaém, Mongaguá e Peruíbe, junto com Itariri e Pedro de Toledo - estes dois últimos não integrantes da RMBS – constituírem a Microrregião de Itanhaém, componente da Mesorregião do Litoral Sul Paulista (SEADE, 2003).

O desenvolvimento regional econômico definiu o desenho urbano de algumas cidades que formam a RMBS, no passado e na contemporaneidade. A organização e reorganização urbana se sucederam a rearranjos do interesse mercantil agrário até meados do século XX e industrial, a partir dos anos 50. Pode-se afirmar que os aspectos econômicos estão diretamente relacionados à morfologia – centro/periferia - do território da RMBS (Brandão et al, 2011).

No período, década de 50 do século XXI, em que se consolidou o centro portuário e teve início a implantação de indústrias na região, houve elevado crescimento populacional. A partir dos anos 60, é o município de Cubatão que passa a assumir importante papel econômico com o desenvolvimento do parque industrial continuando o processo de intenso crescimento populacional na região. Este fenômeno se mantém até a década de 70, quando a taxa de crescimento anual alcança o valor de 3,9% a.a., iniciando-se a partir dos anos 80 uma tendência à diminuição, que se intensifica cada vez mais, chegando, a referida taxa, no período 2000-2010, a cifra de 1,2% a.a.

## **2. Dinâmica do Crescimento Populacional**

### **2. 1. Crescimento demográfico: principais tendências**

A Região da Baixada Santista chegou em 2010 com uma população de 1.664.136 habitantes, durante os anos 2000 experimentou um incremento populacional da ordem de 187.316 pessoas. Apesar da diminuição na década, o peso da população do município sede, Santos, na região, permanece sendo o mais elevado, 28,3% em 2000 e 25,2% em 2010.

A análise da Tabela 1 revela a redução do ritmo de expansão populacional da metrópole Santista. Nos períodos de 1980/1991 e de 1991/2000, as taxas de crescimento, com valores muito próximos, correspondendo, respectivamente a 2,18% e 2,14%, eram superiores à taxa do Estado de São Paulo, respectivamente 2,12% e 1,82%. Já no período 2000/2010, é notória a

diminuição, em torno de 80%, do ritmo de crescimento da população, tanto no estado como na Baixada Santista, com taxas muito próximas à média do país, 1,2%.

Também é possível observar, que houve decréscimos no crescimento populacional, entre 2000 e 2010, em todos os municípios que compõem a região, porém com grande variação de ritmo. Santos e os municípios de seu entorno, Cubatão, Guarujá e São Vicente, apresentaram as menores taxas de crescimento populacional - inferiores a 1% ao ano -, enquanto os mais distantes registraram as maiores. O menor crescimento, 0,03% ao ano, entre 2000 e 2010, coube à sede regional, o município de Santos.

O município de Bertioga, o menor da região em termos populacionais, foi o que apresentou a maior taxa de crescimento do Estado, 4,8% ao ano. Dessa maneira, a diferença entre a maior taxa de crescimento, correspondente a Bertioga, e a menor referente a Santos, na primeira década do século XXI, foi de 4.4 pontos percentuais.

É plausível pensar que a explicação para as diferenças encontradas e comentadas, reside nos movimentos migratórios intrametropolitanos, de deslocamento de parte da população para áreas mais distantes da cidade-sede Santos, em direção às regiões onde o preço do solo e o custo de vida são menores, acrescidos dos intermetropolitanos, trazendo novos habitantes na região (Vázquez e Alves, 2011).

**Tabela 1 – População e Taxas Anuais de Crescimento Populacional (%) por Municípios. RMBS, Estado de São Paulo e Brasil, 1991-2000 e 2000-2010**

Territórios	População			Taxa de crescimento	
	1991	2000	2.010	1991-2000	2000-2010
<b>Bertioga</b>	0	30.039	47.645	0	4,72
<b>Cubatão</b>	91.136	108.309	118.720	1,94	0,92
<b>Guarujá</b>	210.207	264.812	290.752	2,60	0,94
<b>Itanhaém</b>	46.074	71.995	87.057	5,08	1,92
<b>Mongaguá</b>	19.026	35.098	46.293	7,04	2,81
<b>Peruíbe</b>	32.773	51.451	59.773	5,14	1,51
<b>Praia Grande</b>	123.492	193.582	262.051	5,12	3,07
<b>Santos</b>	428.923	417.983	419.400	-0,29	0,03
<b>São Vicente</b>	268.618	303.551	332.445	1,37	0,91
<b>RMBS</b>	1.220.249	1.476.820	1.664.136	2,14	1,20
<b>ESP</b>	31.546.473	36.969.476	41.262.199	1,78	1,10
<b>Brasil</b>	146.825.475	169.590.693	190.755.799	1,61	1,18

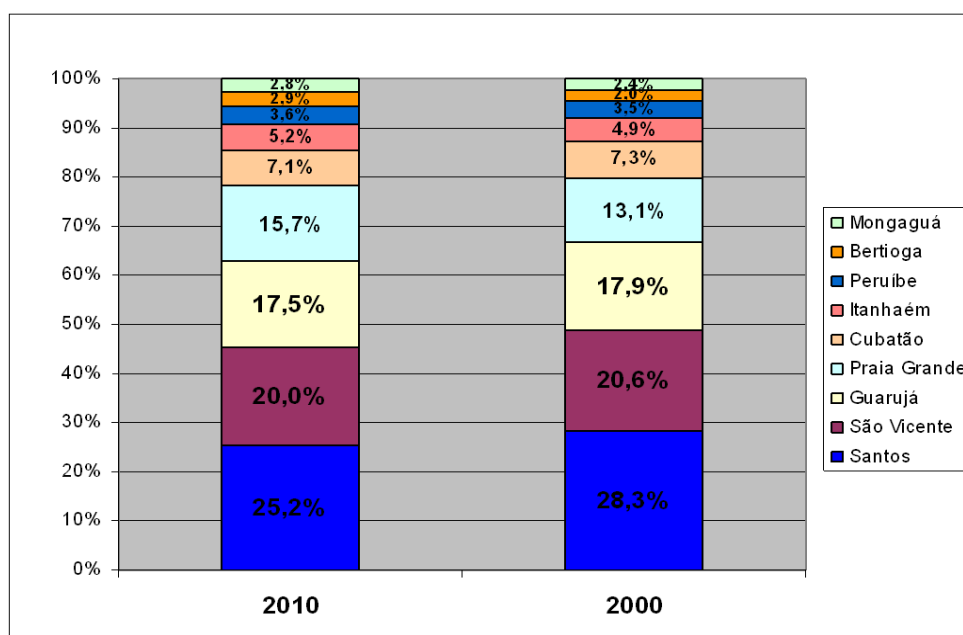
Fonte: IBGE, Censos Demográficos 1991, 2000 e 2010. INCT/Observatório das metrópoles. Núcleo Baixada Santista.

## 2. 2. Distribuição da população

A composição populacional por municípios da RMBS, em termos percentuais, é decorrente da trajetória das variáveis demográficas, fecundidade e mortalidade, que respondem pelo crescimento vegetativo e migração (interna e/ou internacional), cuja combinação, resulta no crescimento populacional total, que já foi comentado anteriormente.

O Gráfico 1 ilustra que o peso da população do município sede, Santos, na região, em que pese a diminuição na década, permanece sendo o mais elevado, 28,3% em 2000 e 25,2% em 2010. Com intensidades diferentes, a maioria dos municípios centrais, Cubatão, Guarujá e São Vicente, também perdem representatividade na região; os restantes, Bertioga, Itanhaém, Mongaguá, Peruíbe – municípios periféricos - e Praia Grande –central -, novamente destacando que com ritmos muito variados, atuam no sentido contrário. Desta equação, resulta que o peso conjunto dos quatro municípios que reduzem a participação passa de 74,1% em 2000 a 69,8% (perda de 4,3%) e o peso daqueles que aumentam, se transforma no período de 25,9% em 30,2%.

Gráfico 1 - Distribuição da População Residente por Municípios. RMBS, 2000 e 2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

Continuando com a análise dos percursos das populações da Baixada Santista, nos primeiros dez anos do século XXI, se apresentam, na Tabela 2, as informações relativas à densidade demográfica (relação entre a área total e o contingente populacional) e, em um gráfico engenhoso, sua relação com as taxas de crescimento.

A primeira evidência é o adensamento populacional na região entre 2000 e 2010, todos os municípios experimentam aumentos. Vale ressaltar, a densidade populacional em Santos, que

aparece praticamente estagnada em torno de 1.500 hab/km<sup>2</sup>, é, na prática, muito maior que a revelada pelos dados, pois quase toda a população ocupa os 39 km<sup>2</sup> da área insular do município. Se apenas esta área fosse considerada, a densidade seria de 10.763 hab/km<sup>2</sup>.

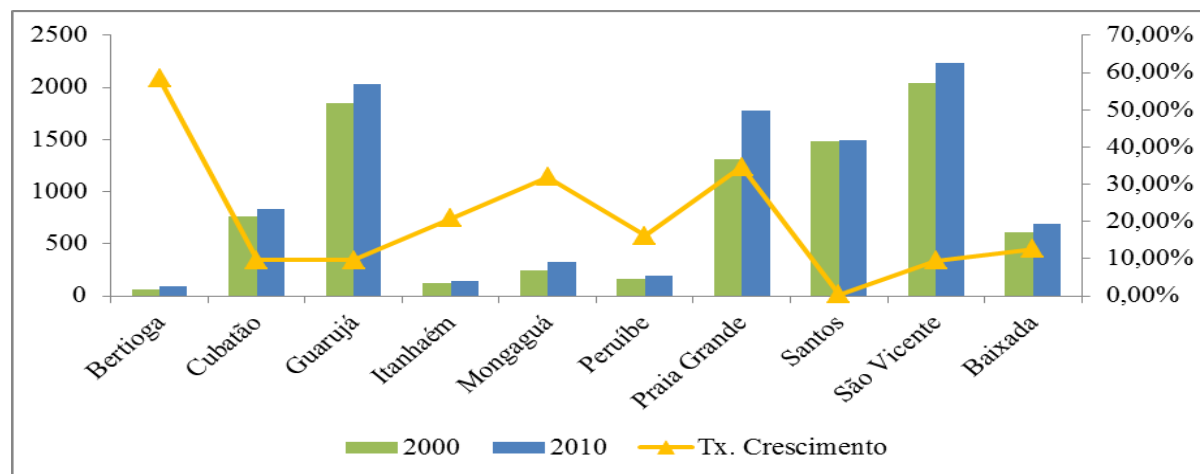
**Tabela 2 - Densidade demográfica por município. RMBS, Estado de São Paulo e Brasil, 2000 e 2010**

Territórios	Área Total (km <sup>2</sup> )	Densidade Demográfica 2000	Densidade Demográfica 2010
Bertioga	490	61,3	97,2
Cubatão	142,4	760,6	833,8
Guarujá	142,9	1.853,10	2.034,90
Itanhaém	599,6	120,1	145,2
Mongaguá	142,1	247	325,7
Peruíbe	311,4	165,2	192
Praia Grande	147,5	1.312,40	1.776,10
Santos	281,1	1.487,00	1.492,20
São Vicente	148,9	2.038,60	2.232,30
<b>RMBS</b>	2.405,90	613,8	691,3
<b>ESP</b>	248.197,00	148,95	166,25
<b>Brasil</b>	9.576.094,30	17,71	19,92

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010. INCT/Observatório das metrópoles. Núcleo Baixada Santista.

O Gráfico 2, mencionado anteriormente, mostra que as maiores taxas de crescimento foram registradas nos municípios menos populosos e de menor densidade, com exceção de Praia Grande onde ocorreu o maior adensamento da região na década.

**Gráfico 2 - Densidade demográfica e Crescimento populacional, por Municípios. RMBS, 2000 e 2010**



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

### 2. 3. Estrutura populacional por situação do domicílio

Confirmando uma tendência historicamente consolidada, o Censo Demográfico de 2010 revelou a continuidade do processo de transição urbana do país, do Estado de São Paulo, da Baixada Santista e dos municípios que a compõem (Tabela 3). O volume de população rural na RMBS diminuiu de 6.046 pessoas para 3.461, significando uma redução relativa de 43%. Por sua vez, o acréscimo de 189.901 habitantes urbanos da RMBS, representando em torno de 13% em relação à população urbana de 2010, resultou no aumento da taxa de urbanização, que passou de 99,6% em 2000 a 99,8% em 2010.

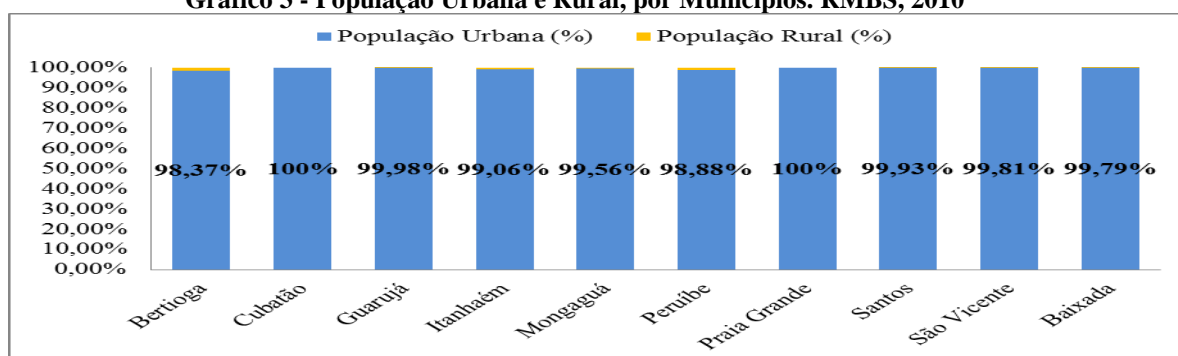
Em alguns municípios, a totalidade da população mora em áreas urbanas e em outros as proporções de população rural são ínfimas, em Bertiooga, que detém a maior proporção de população rural, esta porcentagem alcança 1,6% (Gráfico 5). Resultante desse processo de urbanização, a taxa da RMBS, passa a ser superior a do estado e a do Brasil.

**Tabela 3 - População por Situação de Domicílio e Taxas de urbanização, por municípios. RMBS, Estado de São Paulo e Brasil, 2000 e 2010**

Territórios	Urbana		Rural		Taxa de urbanização	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010
<b>Bertiooga</b>	29.178	46.867	861	778	97,13	98,37
<b>Cubatão</b>	107.661	118.720	648	0	99,40	100,00
<b>Guarujá</b>	264.733	290.696	79	56	99,97	99,98
<b>Itanhaém</b>	71.148	86.242	847	815	98,82	99,06
<b>Mongaguá</b>	34.942	46.091	156	202	99,56	99,56
<b>Peruíbe</b>	50.370	59.105	1.081	668	97,90	98,88
<b>Praia Grande</b>	193.582	262.051	0	0	100,00	100,00
<b>Santos</b>	415.747	419.086	2.236	314	99,47	99,93
<b>São Vicente</b>	303.413	331.817	138	628	99,95	99,81
<b>RMBS</b>	1.470.774	1.660.675	6.046	3.461	99,59	99,79
<b>ESP</b>	34.592.851	39.585.251	2.376.625	1.676.948	93,57	95,94
<b>Brasil</b>	137.755.550	160.925.792	31.835.143	29.830.007	81,23	84,36

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010. INCT/Observatório das metrópoles. Núcleo Baixada Santista.

**Gráfico 3 - População Urbana e Rural, por Municípios. RMBS, 2010**



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

### 3. Composição Populacional por Sexo e Idade

#### 3. 1. Estrutura populacional por sexo

O Censo Demográfico 2010 evidenciou, para o total do País, uma relação de 96,0 homens para cada 100 mulheres, acentuando a tendência histórica de predominância feminina na composição por sexo da população do Brasil, uma vez que em 2000 esse indicador era de 96,9 homens para cada 100 mulheres (IBGE, 2011).

Na mesma publicação do IBGE, se enfatiza que em populações fechadas isentas de movimentos migratórios, se esperaria que o número de mulheres fosse superior ao de homens, devido à sobre-mortalidade destes em todas as idades. “Dessa forma, tem-se que esses diferenciais no quantitativo entre os sexos são ainda maiores nas regiões mais envelhecidas, como Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Distrito Federal e São Paulo, pois à medida que aumenta a idade, o contingente feminino vai ficando maior que o masculino, em função da maior mortalidade nas idades mais avançadas” (IBGE, 2011).

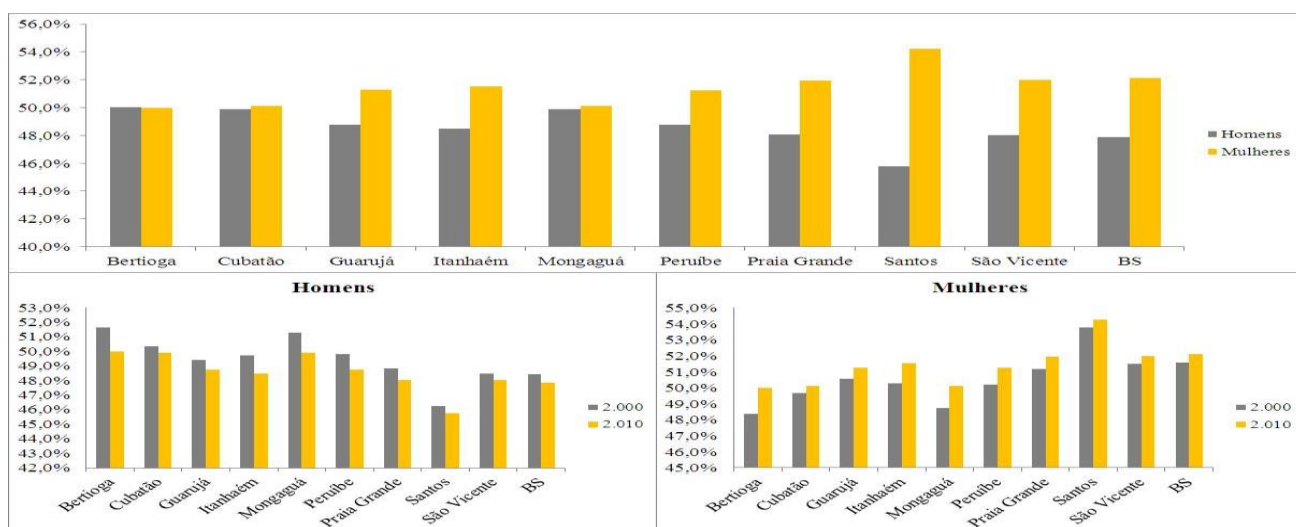
Quando se observa que Santos, já em 2000, detinha uma razão de sexo muito baixa de 86,0 homens por 100 mulheres e que em 2010 passa a ter a menor razão de sexo do país, 84,4, e que o contingente masculino diminui em números absolutos, 1.310 homens a menos, e o feminino continuou crescendo, 2.727 mulheres a mais, atesta-se a veracidade da denominação de “cidade mais feminina do Brasil” (IBGE, 2011). Neste caso, além da mortalidade diferencial por sexo, outros fatores devem ser considerados na explicação dos valores encontrados, a migração em busca de mercado de trabalho também poderia estar contribuindo para esses resultados, e para a situação observada por municípios, à medida que se distanciam de Santos, observa-se aumento das razões de sexo (Tabela 4).

**Tabela 4 - População por Sexo e Razão de Sexo, segundo municípios. RMBS, Estado de São Paulo e Brasil**

Municípios	Homens		Mulheres		Razão de sexo	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010
Bertioga	15.511	23.829	14.528	23.816	106,8	100,1
Cubatão	54.524	59.229	53.785	59.491	101,4	99,6
Guarujá	130.875	141.711	133.937	149.041	97,7	95,1
Itanhaém	35.806	42.192	36.189	44.865	98,9	94,0
Mongaguá	17.996	23.098	17.102	23.195	105,2	99,6
Peruíbe	25.629	29.140	25.822	30.633	99,3	95,1
Praia Grande	94.521	125.926	99.061	136.125	95,4	92,5
Santos	193.222	191.912	224.761	227.488	86,0	84,4
São Vicente	147.207	159.664	156.344	172.781	94,2	92,4
RMBS	715.291	796.701	761.529	867.435	93,9	91,8
ESP	18.139.363	20.077.873	18.893.040	21.184.326	96,0	94,8
Brasil	83.576.015	93.406.990	86.223.155	97.348.809	96,9	96,0

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010; INCT/Observatório das metrópoles, Núcleo Baixada Santista.

**Gráfico 4 - Distribuição da população por sexo, por municípios. RMBS 2000 e 2010**



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

### 3. 2. Estrutura populacional por sexo e grupos de idade

“A representação gráfica da estrutura por sexo e idade de determinada população é obtida através da construção das pirâmides etárias. Além de identificar o padrão etário de determinada população - se mais jovem ou mais envelhecido, por exemplo - e suas mudanças ao longo do tempo, ela permite também inferir sobre o comportamento das componentes da dinâmica demográfica no passado” (IBGE, 2011).

A observação das pirâmides etárias relativas à Região Metropolitana da Baixada Santista para os anos de 2000 e 2010 (Gráfico 5), confirma o estreitamento da base e o alargamento do ápice, expressando os processos de declínio da fecundidade e mortalidade e do decorrente envelhecimento populacional ocorridos no período.

A porcentagem relativa ao grupo de 0 a 4 anos de idade em 2000 ainda apresentava-se maior que o grupo seguinte, fenômeno que desaparece em 2010, confirmando a diminuição dos níveis de fecundidade. Esta situação reflete-se na saliência que o grupo de 10 a 14 anos apresenta em 2010, assim como acontece com o grupo de 25 a 29 anos em relação ao de 15 a 19 em 2000.

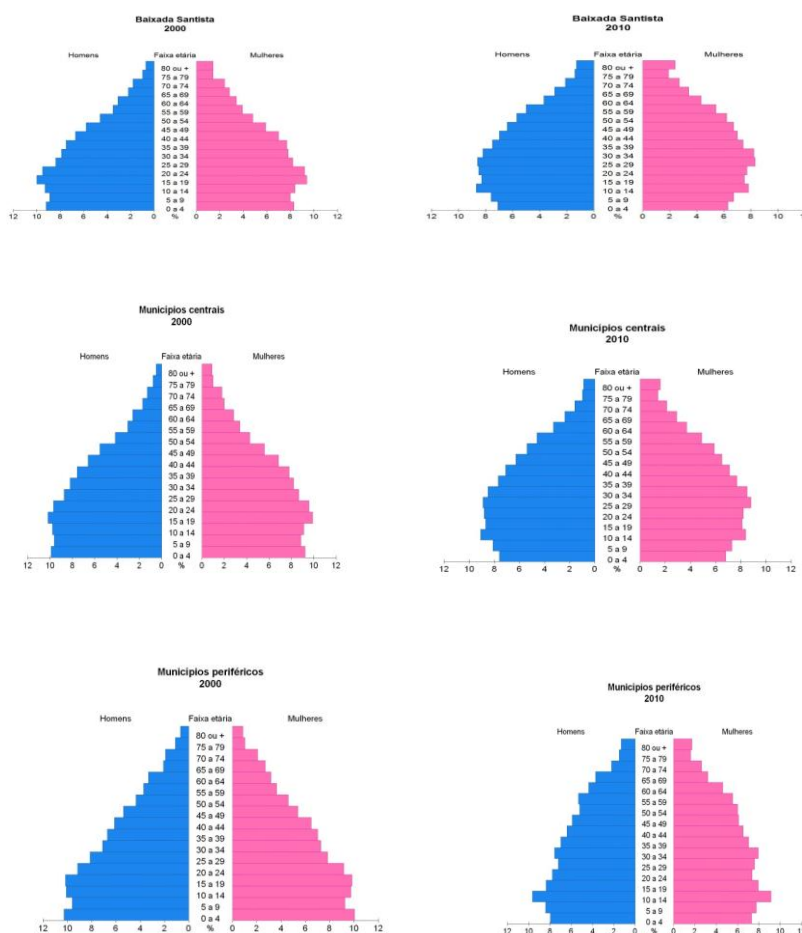
A comparação das pirâmides dos municípios integrantes da Baixada Santista, permite distinguir, ao menos dois modelos diferentes, reveladores de ritmos diferenciados de transição demográfica, que, por sua vez, se associam a condicionantes históricas e socioeconômicas diversas.



Em 2000, no município sede, Santos e nos municípios centrais – Cubatão, Guarujá, São Vicente e Praia Grande -, as faixas etárias mais acentuadas ainda eram as de 15 a 19 e 20 a 24 anos, indicando a presença do fenômeno denominado onda jovem. Já o censo de 2010 revela a maior concentração populacional nas faixas de 25 a 29 e 30 a 34 anos, como consequência do processo de envelhecimento populacional. Convém esclarecer, entretanto, que muito embora esses níveis apresentem semelhança de comportamento na distribuição por faixas etárias, diferem no momento de entrada na redução da fecundidade que se detecta na observação da faixa etária de 0 a 4 anos de idade; em Santos, já em 2000 este grupo era menor que o de 5 a 9, mas nos municípios centrais era maior que o grupo seguinte (Gráfico 5).

No segundo modelo, os municípios periféricos – Bertioga, Mongaguá, Itanhaém e Peruíbe -, em 2000, mostravam suas maiores proporções no grupo de 0 a 4 anos de idade, indicativo de entrada tardia na transição da fecundidade e em 2010 observa-se o declínio da fecundidade, traduzido na redução da população de 0 a 4 anos de idade, e se verifica a presença de contingentes importantes de populações muito jovens, de 10 a 14 anos e especialmente de 15 a 19, coincidindo com o fato de ainda ser possível enumerar reduzidas populações rurais.

**Gráfico 5 - Pirâmides Etárias da Baixada Santista – 2000 e 2010**



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010. INCT/Observatório das Metrôpoles. Núcleo Baixada Santista

Para concluir, precisa-se enfatizar um fenômeno que se dá sem exceções, todos os níveis aumentam seus contingentes de pessoas com 60 anos e mais, com altas porcentagens referentes aos idosos de 80 e mais, em forma avantajada no sexo feminino. A idade média da RMBS era em 2000 de 28,1 anos e envelheceu quatro anos, para 32,1 em apenas uma década; em Santos esse fenômeno foi muito mais acentuado, também a idade média ficou quatro anos mais velha, mas o patamar de comparação inicial, 33,6, que era maior que o final para a região avançou em 2010 até 37,6 anos (Camarano, 2013).

### 3. 3. Estrutura populacional por grandes grupos de idade

A diminuição da representatividade do grupo etário de 0 a 14 anos de idade, junto com o aumento dos grupos de 15 a 59, de 60 e mais e de 80 e mais no total da população em 2010, em comparação com o padrão verificado em 2000, também testemunham a atuação conjunta das variáveis fecundidade e mortalidade (Tabela 5).

O comentado alargamento do topo da pirâmide também se evidencia pelo crescimento da participação relativa da população com 60 anos ou mais, que de 10,1% em 2000 passou a 13,1% em 2010. Convém reiterar que o grupo de 80 anos e mais também aumentou expressivamente na década, 60%, de 1,1% para 1,8% do total.

Este grupo etário em Santos teve crescimento acentuado, de 70%, passando a representar 3,3% da população total; correspondendo as pessoas com 60 e mais anos de idade, a considerável proporção de 19%.

**Tabela 5 - População por Grandes Grupos Etários, por categorias de municípios. RMBS, 2000 e 2010**

Territórios	2000							
	0 a 14		15 a 59		60 ou mais		80 ou mais	
<b>Santos</b>	81.773	19,6%	270.124	64,9%	64.314	15,5%	8.079	1,9%
<b>Municípios centrais</b>	244.804	28,3%	555.141	64,0%	67.005	7,7%	6.097	0,7%
<b>Municípios periféricos</b>	55.121	29,5%	113.992	61,0%	17.666	9,5%	1.422	0,8%
<b>RMBS</b>	381.698	26,0%	939.257	63,9%	148.985	10,1%	15.598	1,1%
Territórios	2010							
	0 a 14		15 a 59		60 ou mais		80 ou mais	
<b>Santos</b>	70.093	16,8%	268.284	64,2%	79.487	19,0%	13.625	3,3%
<b>Municípios centrais</b>	236.706	23,7%	658.904	65,8%	105.534	10,5%	12.833	1,3%
<b>Municípios periféricos</b>	59.881	25,1%	146.668	61,4%	32.123	13,5%	3.646	1,5%
<b>RMBS</b>	366.680	22,1%	1.073.856	64,8%	217.144	13,1%	30.104	1,8%

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010. INCT/Observatório das metrópoles. Núcleo Baixada Santista.

Complementando a presente análise demográfica, exibem-se na Tabela 6 as razões de dependência estimadas para 2000 e 2010, objetivando sintetizar as mudanças na estrutura demográfica da Baixada Santista e seus reflexos em termos de desafios para as políticas públicas.

A razão de dependência é uma medida teórica que, calculada como a razão entre a população definida como economicamente dependente (menor de 15 anos de idade e com 60 e mais) e a população que deveria sustentá-los, isto é, os contingentes na idade do trabalho, potencialmente produtivos (entre 15 e 59 anos de idade), faz uma ponte entre o contexto demográfico e o socioeconômico (Morell e Costa, 1995). Valores elevados indicam consideráveis encargos assistenciais para a sociedade.

Pode-se calcular, separadamente, para as duas faixas etárias identificadas como população dependente, 0 a 14 (Razão de Dependência Juvenil - RDJ) e 60 e mais anos de idade (Razão de Adultos Maiores - RDM). Cria-se, neste trabalho, outra razão de dependência, a Idosa (RDI), reservando essa nomenclatura, para o peso da população de 80 e mais anos de idade em relação àquela em idade produtiva.

O quadro populacional em que a taxa de dependência de crianças cai persistentemente, compensando a elevação da dependência dos idosos, favorece o crescimento econômico, constituindo o que os especialistas têm chamado de “bônus demográfico” e/ou “janela de oportunidades” decorrente da mudança da estrutura etária da pirâmide populacional.

**Tabela 6 - Razão de Dependência, por categorias de municípios. RMBS, Estado de São Paulo e Brasil, 2000 e 2010**

Territórios	2000				2010			
	RDT	RDJ	RDM	RDI	RDT	RDJ	RDM	RDI
<b>Santos</b>	54,1	30,3	23,8	3,0	55,8	26,1	29,6	5,1
<b>Municípios centrais</b>	56,2	44,1	12,1	1,1	51,9	35,9	16,0	1,9
<b>Municípios periféricos</b>	63,9	48,4	15,5	1,2	62,7	40,8	21,9	2,5
<b>Baixada Santista</b>	56,5	40,6	15,9	1,7	54,4	34,1	20,2	2,8
<b>Estado de São Paulo</b>	47,9	34,1	13,8	1,6	49,4	32,1	17,3	2,4
<b>Brasil</b>	61,7	47,9	13,8	1,7	53,5	36,9	16,6	2,4

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010. INCT/Observatório das metrópoles. Núcleo Baixada Santista. **Total (RDT), Juvenil (RDJ), Adulto-Maior (RDM) e Idosa (RDI),**

As estimativas permitem concluir que, seguindo a tendência nacional e estadual, as RDTs correspondentes à metrópole diminuem na década analisada; Santos, aumentando constitui a exceção à regra. Por componentes etários, as RDJs declinam em todos os contextos e as RDMs e RDIs incrementam-se, como consequência da alteração da estrutura etária, que a transição demográfica - queda da fecundidade e da mortalidade - provoca.

Em Santos, pouco diminui a dependência juvenil e a carga das pessoas com 60 e com 80 e mais anos de idade é crescente; a razão juvenil cai 14%, mas a dos adultos maiores aumenta 24% e a dos idosos, com 80 anos e mais de idade, 70%. Situação semelhante se observa nos outros municípios centrais e periféricos da região.

Em outras palavras, em alguns municípios da Baixada Santista, parece que já não é possível aproveitar o bônus demográfico e em outros o fim está muito próximo (Minayo e Gualhano, 2013).

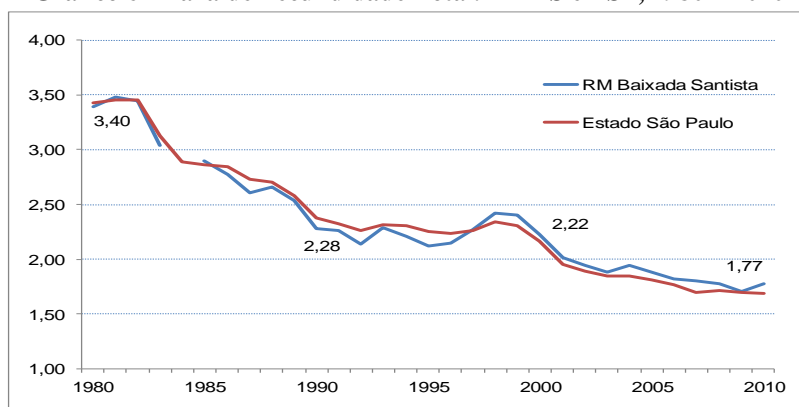
#### 4. Análise dos Componentes Demográficos

##### 4. 1. Fecundidade

A fecundidade, junto com a mortalidade e a migração, determina a dinâmica demográfica de uma população, quando elevada, favorece o crescimento populacional e a manutenção de uma estrutura etária jovem e, à medida que declina e se reduzem os nascimentos, se estreita a base da pirâmide etária, e se produz o envelhecimento populacional. Este fenômeno vem se generalizado em todo o país, tendo cada localidade sua especificidade, conforme tendência da mortalidade e da dinâmica migratória.

No Estado de São Paulo, a redução da fecundidade é observada desde os anos 80, quando a Taxa de Fecundidade Total (TFT) passou de 3,4 a 2,3 filhos por mulher, permanecendo no mesmo patamar na década seguinte. Nos anos 2000, a fecundidade retoma a queda, atingindo no final da década o valor de 1,7 filhos por mulher, inferior ao nível de reposição, 2,1 filhos por mulher (Gráfico 6). A figura também mostra que a curva da fecundidade da RMBS evolui de forma semelhante, registrando uma TFT de 1,8 filhos por mulher em 2010.

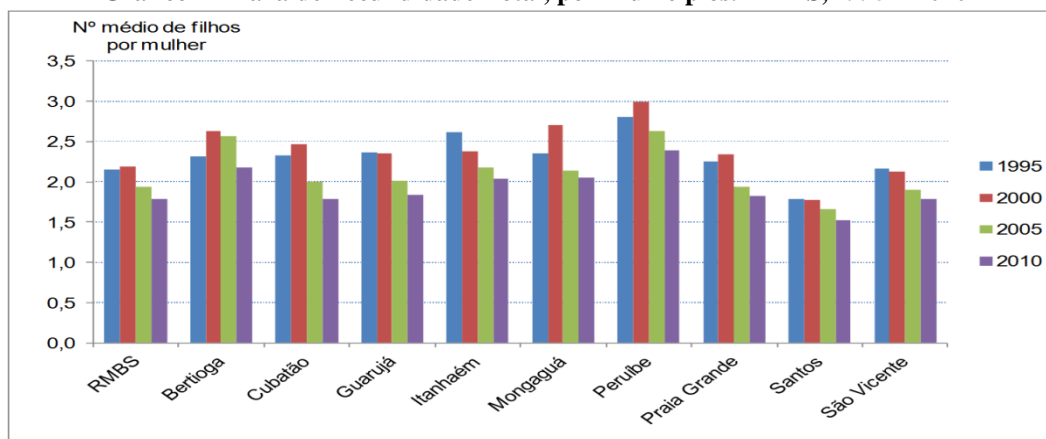
**Gráfico 6 - Taxa de Fecundidade Total. RMBS e ESP, 1980 – 2010**



Fonte: Fundação SEADE. INCT/Observatório das metrópoles. Núcleo Baixada Santista.

A fecundidade nos municípios da RMBS, embora com níveis heterogêneos, teve a mesma evolução (Gráfico 7). Em 2000, aumentou ou manteve-se estável em praticamente todos os municípios e, com exceção de Santos, em níveis superiores a 2,1 filhos por mulher, registrando os municípios periféricos, Bertioga, Itanhaém, Mongaguá e Peruíbe, as taxas mais elevadas. A partir de 2000, a fecundidade diminuiu de forma significativa nos municípios e em 2010, com exceção de Bertioga e Peruíbe, a fecundidade fica abaixo do nível de reposição. Santos, já em 1995 detinha TFT de 1,8 filhos por mulher.

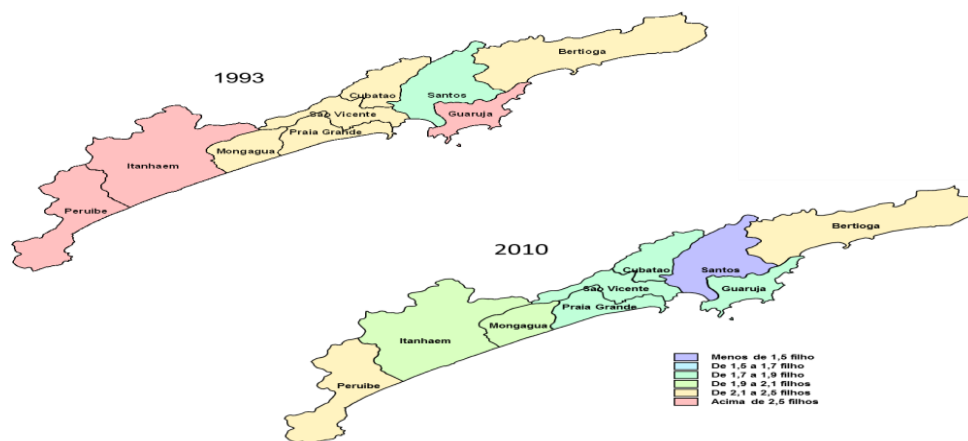
**Gráfico 7 - Taxa de Fecundidade Total, por Municípios. RMBS, 1995 – 2010**



Fonte: Fundação SEADE. INCT/Observatório das metrópoles. Núcleo Baixada Santista.

A heterogeneidade do comportamento reprodutivo na região, exposta no mapa seguinte, revela que a fecundidade torna-se mais elevada conforme se distancia do município sede. Estudo de Yazaki et al., 2010, utilizando dados georreferenciados de nascimentos, indicou que mesmo em Santos, a fecundidade é mais baixa na região litorânea, assim como ocorre em Guarujá ou Praia Grande, sendo este resultado associado à vulnerabilidade socioeconômica destas áreas.

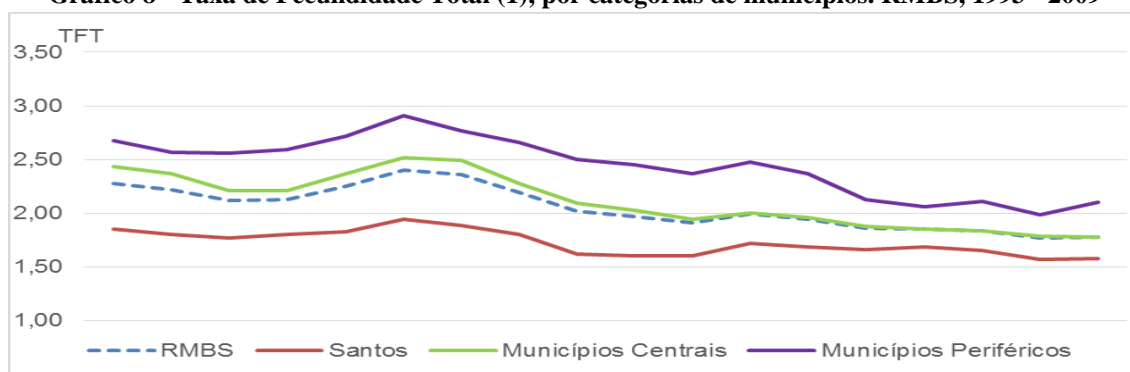
**Mapa 1 - Taxa de Fecundidade Total, por Municípios. RMBS, 1993 e 2010**



Fonte: Fundação SEADE. INCT/Observatório das metrópoles. Núcleo Baixada Santista.

A fecundidade por agrupamento de municípios reflete os padrões de organização e dinâmica do espaço metropolitano, aumentando as taxas, à medida que a integração em relação a Santos se faz mais tênue (Gráfico 8). O município sede apresenta a menor fecundidade, em torno de 1,6 filhos por mulher e nos Municípios Centrais a fecundidade é praticamente igual à média regional. Os municípios periféricos, mais distantes de Santos, apresentam a maior fecundidade da região metropolitana, até meados da última década mantendo fecundidade acima de 2,5 filhos por mulher, mas nos últimos anos, registrou queda importante, atingindo o nível de reposição.

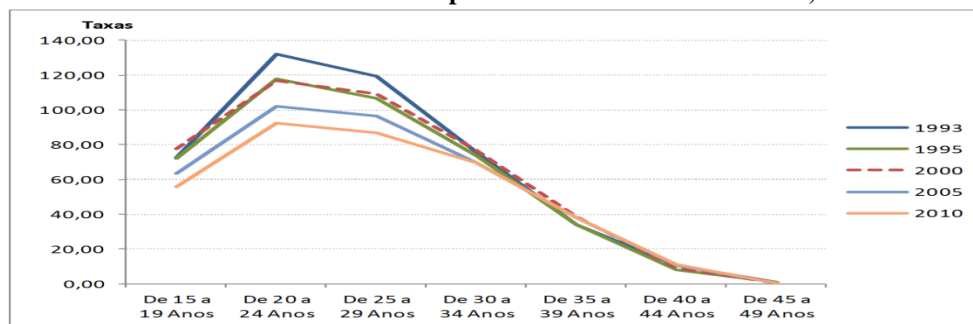
**Gráfico 8 - Taxa de Fecundidade Total (1), por categorias de municípios. RMBS, 1993 - 2009**



Fonte: Fundação SEADE. INCT/Observatório das metrópoles. Núcleo Baixada Santista.  
(1) Número médio de filhos por mulher.

A representação das taxas de fecundidade por idade das mulheres residentes na RMBS no período 1993-2010 indica que a fecundidade adolescente, de 15 a 19 anos é elevada, o pico se apresenta no grupo de 20 a 24 anos e se reduz nas idades seguintes (Gráfico 9). A evolução das curvas indica aumento da fecundidade adolescente em 90 e diminuição na última década, importante redução nos grupos etários seguintes, embora no último período, a variação no grupo de 30 a 40 anos tenha sido muito pequena, por conta do adiamento da maternidade entre alguns grupos de mulheres. Desta forma, apesar da redução da fecundidade ser observada em todos os grupos etários, a curva ainda se caracteriza por apresentar um comportamento rejuvenescido, onde a fecundidade é mais elevada em mulheres mais jovens.

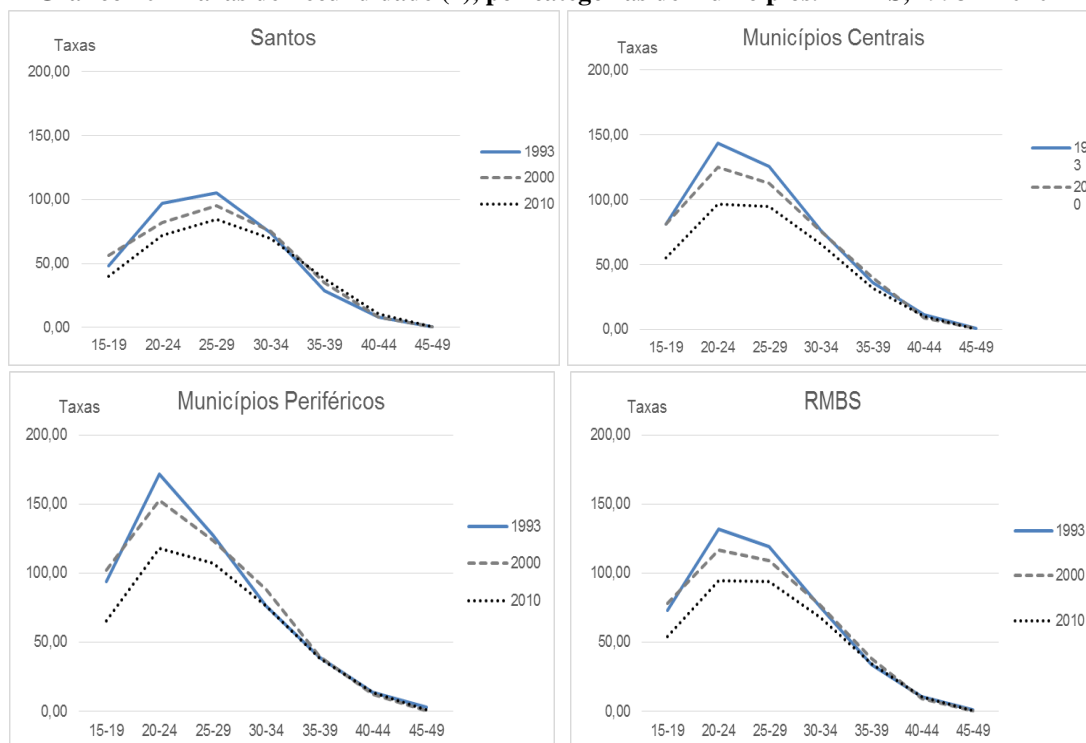
**Gráfico 9 - Taxas de Fecundidade por Idade das mulheres. RMBS, 1993-2010**



Fonte: Fundação SEADE. INCT/Observatório das metrópoles. Núcleo Baixada Santista.

A análise do comportamento reprodutivo por idade e municípios, denota que os níveis reduzem-se em todas as áreas, com exceção das adolescentes entre 1993 e 2000. Nos municípios periféricos as curvas apresentam cúspide no grupo de 20 a 24 anos, enquanto que nos centrais, há uma transição, em 2010, para o formato de cúspide dilatada, com valores muito semelhantes para os grupos de 20 a 2ª e 20 a 29 anos. Já Santos, desde o início do período, apresenta cúspide no grupo de 25 a 29 anos, além de registrar pequeno aumento na fecundidade de mulheres de 30 a 39 anos (Gráfico 10).

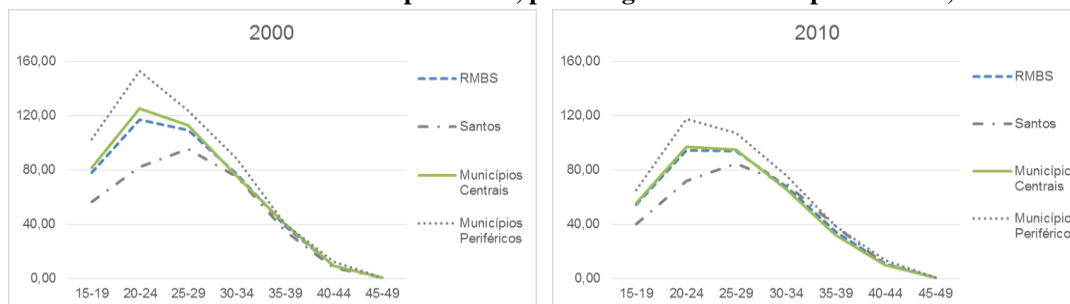
**Gráfico 10 - Taxas de Fecundidade (1), por categorias de municípios. RMBS, 1993 – 2010**



Fonte: Fundação SEADE. INCT/Observatório das metrópoles. Núcleo Baixada Santista. (1) Por mil mulheres.

Reagrupando as mesmas curvas por períodos (Gráfico 11), observa-se a coexistência de diferentes comportamentos reprodutivos na RMBS. Assim, em áreas mais afastadas do município sede, as taxas de fecundidade são mais altas e mais precoces, enquanto no município sede, Santos, a fecundidade é menor e tardia, embora, a partir dos 30 anos, seja praticamente igual em todas as áreas, indicando controle da fecundidade nos diferentes grupos. Nos municípios periféricos, o controle é realizado quando as mulheres já têm filhos (2 ou 3, em média), enquanto que na sede, as mulheres controlam a fecundidade para postergar o nascimento, em geral, do primeiro filho.

**Gráfico 11 - Taxas de Fecundidade por Idade, por categorias de municípios. RMBS, 2000 e 2010**



Fonte: Fundação SEADE. INCT/Observatório das metrópoles. Núcleo Baixada Santista.

## 4. 2. Mortalidade

Quando Robine e Mitchel (2004) na Europa apresentaram seu modelo de transição, caracterizado por aumento da expectativa de vida da população, maior período de vida livre de incapacidade das pessoas idosas, todavia, com aumento da incapacidade nos últimos anos de vida, voltava-se a refletir na evolução das distintas etapas das transições demográfica e epidemiológica. Este processo de mudança fez com que em alguns países continue o aumento da prevalência de doenças crônicas, enquanto que em outros, já se observa uma nova etapa com aumento de anos livres de incapacidade, porém com avanço da morbimortalidade em idades muito mais avançadas.

Não obstante se constate que alguns países completaram o processo de transição epidemiológica ou estão em fase de desenvolvimento, em grande parte do mundo as doenças transmissíveis constituem a principal causa de morte, não somente no mundo desenvolvido, mas principalmente, na maioria dos países da América Latina e do Leste da Ásia (Grundy, 2002). Entretanto, em um mesmo país podem existir desigualdades e características próprias no processo de transição epidemiológica entre as diferentes regiões ou mesmo grupos sociais (OPS, 2002).

Contudo, a mudança dos perfis epidemiológicos no Brasil, como na América Latina, apresenta características próprias e peculiares a seus modelos de desenvolvimento. A análise desses contextos evidencia que a transição epidemiológica tem seguido rumos diferentes à dos países industrializados. No Brasil, as situações epidemiológicas dos diferentes territórios, grupos sociais e raciais (Guimarães, 2003), apresentam relevantes contrastes, configurando os fenômenos denominados “*polarização geográfica*” e “*polarização social*”, manifestados, entre outros aspectos, pelos desníveis nos indicadores de morbidade e mortalidade entre os diferentes grupos populacionais. Este fenômeno, também é observado no Estado de São Paulo, afetando sensivelmente a medição da mortalidade quando se faz necessário calcular as taxas brutas. Por esse motivo, as taxas de mortalidade, apresentadas neste capítulo, foram padronizadas pelo método indireto.



Os fenômenos ora relatados podem ser observados na análise da Metrópole Santista, pois quando comparada com o Brasil e o Estado de São Paulo, a mesma apresenta maior taxa de mortalidade geral (Sabino, 2012). E quando a comparação utiliza as categorias de municípios, sede, centrais e periféricos, é possível observar diferenças de falecimentos dentro da região (Tabela 7).

Quando se penetra nas áreas de análise, constata-se que é nos municípios centrais que se apresenta em 2010 a maior taxa de mortalidade geral, a despeito da observada diminuição proporcional, 21,2%, no período em estudo, 2000-2010, ser a maior na metrópole Santista.

A análise das taxas de mortalidade por grupo de causas na RMBS permitiu verificar maior diminuição de mortalidade para as Causas externas (81,9%), seguida das Perinatais (54,2%), e do Aparelho digestivo (2,6%). Contudo, as maiores quedas proporcionais ocorreram nos municípios centrais, enquanto as afecções originadas no período perinatal apresentaram diminuição proporcional em todas as unidades da análise da metrópole Santista<sup>1</sup>.

**Tabela 7 - Taxas de mortalidade padronizadas, por categorias de municípios. RMBS, 2000 e 2010**

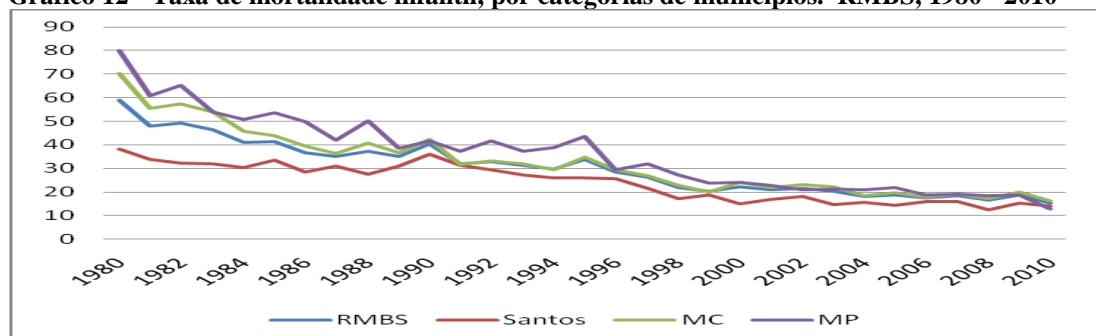
Capítulo CID X	RMBS 2000				RMBS 2010				Mudança de Taxa % (2010-2000)			
	RMBS	Santos	MC	MP	RMBS	Santos	MC	MP	RMBS	Santos	MC	MP
Todas as causas	758,2	663,4	807,6	778,7	631,5	568,2	666,4	644,5	-20,1	-16,8	-21,2	-20,8
IX. Ap. Circulatório	184,3	146,0	199,8	197,8	191,8	167,3	213,8	177,1	3,9	12,7	6,5	-11,7
II. Neoplasias	101,1	124,7	97,6	70,5	103,9	103,9	105,0	91,5	2,7	-20,1	7,0	23,0
X. Ap. Respiratório	70,0	46,9	73,9	65,3	74,0	68,8	78,5	70,9	5,4	31,8	5,9	8,0
XX. Causas externas	105,5	71,5	121,0	107,3	58,0	40,4	57,7	91,0	-81,9	-76,7	-109,5	-17,8
I. Infeciosas	39,2	45,2	39,6	29,7	39,5	40,6	40,0	37,3	0,8	-11,3	0,9	20,3
XI. Ap. Digestivo	37,3	31,7	39,6	41,0	36,3	34,4	37,4	36,8	-2,6	7,7	-6,0	-11,4
IV. D Endócrinas	35,6	23,7	39,3	42,3	35,9	29,4	37,3	46,3	0,8	19,3	-5,4	8,5
XVI. Perinatal	36,6	24,5	39,8	39,5	23,8	21,0	25,4	20,7	-54,2	-16,8	-56,8	-90,6

Fonte: Fundação SEADE e Observatório das Metrópoles, Núcleo Baixada Santista. Taxa de mortalidade padronizada (População Mundial). Taxa de mortalidade ajustada por idade 100.000 habitantes-ano. Região Metropolitana da Baixada Santista (RMBS); Santos; Municípios Centrais (MC): Cubatão, São Vicente, Guarujá e, Praia Grande; Municípios Periféricos (MP): Bertioga, Itanhaém Mongaguá e Peruíbe.

Examinando a mortalidade infantil em série histórica, de 1980 a 2010 (Gráfico 12 e Tabela 8), é possível perceber a tendência descendente na RMBS durante todo o período, entretanto, o descenso vai até 1989, quando as taxas se apresentam próximas as do Estado de São Paulo, pois a partir da década de noventa a média da RMBS se localiza acima do ESP e RMSP, até o final do período. Em termos de categorias de municípios, os periféricos são os que mais diminuem a mortalidade infantil e os municípios centrais passam a exibir, em 2010, a maior taxa de mortalidade infantil (16,1 por mil nascidos vivos).

<sup>1</sup> As causas de morte foram agrupadas, por grau de importância, segundo os capítulos da décima Classificação Estatística Internacional de Doenças e problemas Relacionados à Saúde (CID-10): Cap. IX. Doenças do aparelho circulatório; Cap. II. Neoplasias (tumores); Cap. X. Doenças do aparelho respiratório; Cap. XX. Causas externas de morbidade e mortalidade; Cap. IV. Doenças endócrinas nutricionais e metabólicas; Cap. XI. Doenças do aparelho digestivo; Cap. XVI. Algumas afecções originadas no período perinatal.

**Gráfico 12 - Taxa de mortalidade infantil, por categorias de municípios. RMBS, 1980 - 2010**



Fonte: Fundação SEADE e Observatório das Metrópoles. Taxa de mortalidade padronizada (RMBS de 2010). Região Metropolitana da Baixada Santista (RMBS); Santos; Municípios Centrais (MC): Cubatão, São Vicente, Guarujá e, Praia Grande; Municípios Periféricos (MP): Bertioga, Itanhaém Mongaguá e Peruíbe.

**Tabela 8 - Taxa de mortalidade infantil, por categorias de municípios. RMBS, RMSP e Estado de São Paulo, 1980-2010**

	1980	1990	2000	2010
<b>Santos</b>	38,2	36,1	15,1	14,1
<b>Municípios centrais</b>	70,2	42,5	24,2	16,1
<b>Municípios periféricos</b>	80,1	41,8	24,1	12,7
<b>RMBS</b>	59,0	40,5	22,2	15,2
<b>RMSP</b>	55,2	33,5	16,9	11,8
<b>ESP</b>	50,9	31,2	17,0	11,9

Fonte: Fundação SEADE e Observatório das Metrópoles. Taxa de mortalidade padronizada (RMBS de 2010). MC: Cubatão, São Vicente, Guarujá e, Praia Grande; MP: Bertioga, Itanhaém Mongaguá e Peruíbe.

### 4. 3. Migração

Estudo da Fundação Seade (Perillo et al., 2011), destaca que as três regiões metropolitanas do Estado de São Paulo - São Paulo, Baixada Santista e Campinas - historicamente se caracterizaram como áreas de grande concentração populacional e econômica e de atração de migrantes originários tanto do próprio estado, como de outras unidades da federação e de outros países.

E analisando as taxas de crescimento anual para todos os municípios integrantes da RMBS, acrescidas da informação sobre saldos migratórios e suas respectivas taxas, o mesmo estudo conclui que, nos últimos anos, houve mudança desse papel, sobretudo na RMSP e na RMBS.

A RMBS com tendências migratórias semelhantes às da RMSP, registrou diminuição do saldo migratório (imigrantes menos emigrantes), que passou de 57 mil pessoas, entre 1991/2000, para 54 mil pessoas entre 2000/2010.

O município sede, Santos, analogamente ao município de São Paulo manteve os saldos migratórios negativos evidenciados desde os anos 1980, se agregando nessa condição dois municípios centrais, Cubatão e Guarujá, e os outros municípios, embora com saldos migratórios positivos, sofreram drásticas reduções em relação à década anterior. A exceção coube aos outros

dois municípios centrais, Praia Grande se mantendo praticamente no mesmo nível e São Vicente, de forma pouco expressiva, aumentando o indicador.

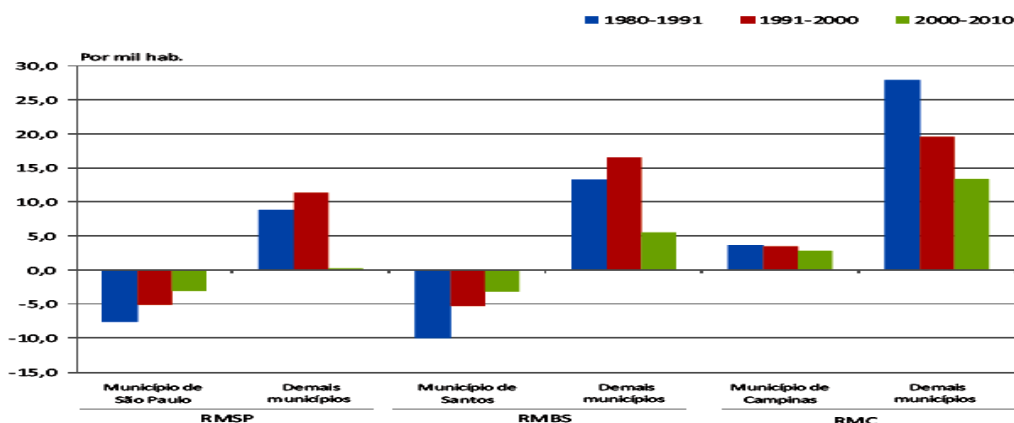
As taxas migratórias (imigrantes menos emigrantes dividido por população de 5 e mais anos de idade) também diminuíram significativamente nos anos 2000. Após corresponder a 4,2 migrantes ao ano por mil habitantes no período 1991/2000, a RMBS registrou no período seguinte, 2000/2010, taxa de 0,03. Esse valor foi decorrente da continuidade da evasão da população de Santos, que manteve, embora com menor valor, -4,2, taxa de migração negativa, acompanhado por Cubatão e Guarujá, com valores negativos mais discretos, e da persistência de taxas positivas, a despeito da redução de valores, dos outros municípios da região (Tabelas 10 e 11).

A configuração da ocupação da RMBS, nas últimas décadas, na direção sul, intensificando a expansão de Praia Grande, com predomínio de segmentos de média e baixa renda, ocorreu mediante a oferta em grande escala de lotes, garantindo a propriedade privada da terra das famílias de baixos rendimentos, que, em forma majoritária, vinham da RMBS, especialmente de sua sede. Fenómeno revelador de uma segunda etapa no processo migratório dos indivíduos ou famílias que se dirigem à RMBS, principalmente os menos qualificados em termos de escolaridade, e/ou os que possuem baixos rendimentos (Young e Santos, 2008).

Como coloca Dota (2012) - referindo-se à Região Metropolitana de Campinas -, sendo a migração um fenômeno-resposta às desigualdades socioespaciais, vê-se que nas regiões metropolitanas, estas desigualdades são as propulsoras e direcionadoras dos fluxos, culminando num espaço urbano segregado, reflexo destas desigualdades.

**Gráfico 14**

**Taxas anuais de migração  
Municípios-sede das Regiões Metropolitanas do  
Estado de São Paulo e demais municípios – 1980-2010**



Fonte: Fundação Seade.

**Tabela 10 - Número de imigrantes menos emigrantes e Taxa migratória, por Municípios. RMBS, 1991, 2000 e 2010**

Territórios	Nº de imigrantes menos nº emigrantes			Taxa migratória		
	1991	2000	2010	1991	2000	2010
<b>Bertioga</b>	0	7.276	5.228	0	27,3	12,0
<b>Cubatão</b>	2.268	705	-986	2,8	0,7	-0,9
<b>Guarujá</b>	10.261	7.244	-624	5,5	3,0	-0,2
<b>Itanhaém</b>	6.090	12.123	9.700	14,8	18,7	12,0
<b>Mongaguá</b>	3.532	9.269	7.797	20,8	29,3	18,2
<b>Peruíbe</b>	6.017	7.190	3.257	20,8	15,6	5,9
<b>Praia Grande</b>	23.204	34.387	34.261	20,9	19,6	14,1
<b>Santos</b>	-29.475	-32.828	-16.835	-7,4	-8,4	-4,2
<b>São Vicente</b>	24.375	11.854	12.353	10,1	4,3	4,0
<b>RMBS</b>	46.274	57.221	54.150	4,28	0,04	0,03

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010. INCT/Observatório das metrópoles. Núcleo Baixada Santista.

**Tabela 11 - Número de imigrantes menos emigrantes e Taxa Migratória, por categorias de municípios. RMBS, 1991, 2000 e 2010**

Territórios	Ano			Taxa migratória		
	1991	2000	2010	1991	2000	2010
<b>Santos</b>	-29.475	-32.828	-16.835	-7,4	-8,4	-4,2
<b>Municípios centrais</b>	60.108	54.190	45.004	9,7	6,9	4,8
<b>Municípios periféricos</b>	15.639	35.858	25.982	20,4	25,0	12,1
<b>RMBS</b>	46.272	57.220	54.151	4,28	0,04	0,03

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010. INCT/Observatório das metrópoles. Núcleo Baixada Santista.

## 5. Considerações Finais

A composição populacional dos nove municípios integrantes da Região Metropolitana da Baixada Santista, RMBS, resultado da trajetória das variáveis demográficas, fecundidade, mortalidade e migração, foi historicamente determinada pelo desenvolvimento econômico regional que, também, definiu o desenho urbano – centro/periferia - do território da RMBS e as decorrentes desigualdades sociais.

Neste trabalho procurou-se descrever os processos populacionais de crescimento, migratórios e de ocupação do espaço metropolitano da Baixada Santista, nos primeiros dez anos do século XXI, com miras à compreensão de suas repercussões na demanda por políticas públicas.

Os resultados indicaram que após um longo período de alto crescimento, superior ao do Estado, a metrópole da Baixada Santista, reduziu o ritmo de expansão populacional. Entre

2000 e 2010, Santos e os municípios do entorno, Cubatão, Guarujá e São Vicente, apresentaram as menores taxas, inferiores a 1% e o maior crescimento populacional se deu nos municípios periféricos: Bertioga, Praia Grande e Litoral Sul. O menor valor, 0,04% coube a Santos, e a maior taxa do estado, 4,8%, a Bertioga. Diferenças que respondem aos movimentos migratórios intrametropolitanos, em direção às áreas mais distantes da cidade-pólo, onde são menores o preço do solo e o custo de vida.

A idade média de 28,1 anos em 2000 envelheceu quatro anos, 32,1 em 2010, e Santos, de 33,6 avançou para 37,6 anos. A razão de sexo, de 86,0 homens por 100 mulheres em 2000, passou em 2010 a ser a menor do país, 84,4, merecendo a denominação da “cidade mais feminina do Brasil”. Os diferenciais entre os sexos são maiores nas regiões mais envelhecidas, pois à medida que aumenta a idade, o contingente feminino ultrapassa o masculino, em função da maior mortalidade dos homens. A migração seletiva por sexo em busca de mercado de trabalho também contribui para esses resultados.

Também foi possível verificar a inversão das pirâmides etárias, consequência da diminuição da fecundidade e do número de nascimentos e crianças e jovens e do processo de envelhecimento populacional derivado do aumento da sobrevivência em idades avançadas.

A análise da fecundidade buscou identificar os comportamentos reprodutivos das mulheres residentes na Região Metropolitana da Baixada Santista, sobretudo os diferenciais existentes em seu interior. Os resultados mostraram que, embora persistam diferenças, a metrópole revela um perfil de fecundidade rejuvenescida - elevada e concentrada em idades jovens -, característico de áreas menos favorecidas. A tendência de declínio dos níveis de fecundidade se observa em todas as localidades, sugerindo alterações importantes no ritmo de crescimento populacional, assim como mudanças na estrutura etária da população.

Evidenciou-se nos dados de mortalidade que, na metrópole Santista as doenças mais frequentes são as cardio-circulatórias, mas as causas violentas também são importante componente da mortalidade. Observou-se, ainda, a persistência de grandes desigualdades regionais e certamente de estratos sociais nos indicadores de saúde. O exame dos níveis de mortalidade infantil, embora declinantes, se localizam acima do ESP e RMSP, em todos os níveis de integração, inclusive, no município sede, Santos.

Nas correntes migratórias igualmente se constataram semelhanças e diferenças relacionadas aos ciclos de desenvolvimento dos contextos. Os saldos migratórios e as taxas correspondentes diminuíram em todos os municípios e novamente com papel de destaque, Santos, Cubatão e Guarujá registraram taxas negativas. Nos outros municípios houve persistência de taxas positivas, mas com considerável redução de valores.

Os fenômenos descritos se deram com diferente intensidade nos municípios da RMBS, mais acentuados em Santos e nos municípios do entorno, Cubatão, São Vicente, Guarujá e Praia Grande, e menor nos restantes. Pode-se afirmar que os municípios da região se encontram em

fases diferentes da transição demográfica, alguns como Santos estão em transição avançada e outros como Bertioga estão no início da transição.

Tal panorama interfere em todas as dimensões da vida e tem impacto profundo nas demandas de todos os setores da sociedade, concluindo-se que as disparidades das tendências populacionais da RMBS, desde a estagnação do crescimento dos municípios centrais até a pujança dos periféricos, bem como os processos de feminização e envelhecimento populacional, colocam enormes desafios de atendimento dos direitos fundamentais de educação, moradia, saúde e previdência social que exigem imediata adoção de políticas públicas.

A adoção de uma ótica de direitos humanos, para focar a interseção entre o comportamento das variáveis demográficas e as necessidades de políticas públicas, na área social, mostra-se propícia à reflexão dos caminhos a percorrer para reduzir as gritantes desigualdades sociais que ainda imperam na sociedade brasileira e na metrópole santista.

### **Referências Bibliográficas**

BRANDÃO, MVM; MORELL, MGG; FERREIRA, MC; FONTEBASSO NETO, J. (2010). **Um estudo das desigualdades na Região Metropolitana da Baixada Santista: Suas dimensões socioespaciais.** Anais do XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP, Aguas de Lindoia, SP.

BRANDÃO, MVM; MORELL, MGG; FERREIRA, MC; FONTEBASSO NETO, J. (2011). **Desigualdades socioespaciais na Baixada Santista: uma tipologia associada à estrutura ocupacional.** In: VAZQUEZ, DA. (org.). A Questão Urbana na Baixada Santista: políticas, vulnerabilidades e desafios para o desenvolvimento. Santos/SP: Editora Leopoldianum/ Universidade Católica de Santos.

CAMARANO, A. M. (2013). **O novo paradigma demográfico.** In: *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 18, nº 12, Rio de Janeiro, dez.

DOTA, EM. (2012). **Desigualdades e migração: como elas se inter-relacionam no contexto atual?** Anais do XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP, Águas de Lindoia, SP.

GRUNDY, E. (2002). **Demography and Public Health. Chapter 7.2**, p: 807-828. In: Detels R, McEwen J, Beaglehole R, Tanako H, editors. Oxford Textbook of Public Health (Fourth Edition). Oxford: Oxford University Press.

GUIMARÃES, A. S. (2003). **Como trabalhar com "raça" em sociologia.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 93-107, jan./jun.

IBGE (2011). **Sinopse do Censo demográfico 2010.** Rio de Janeiro.

MAIA, P. B.; CAMPANÁRIO, P. A. (1994). **Mortalidade por causas no Estado de São Paulo no período 1980-1992.** In: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. Mortalidade e sobrevivência no Estado de São Paulo [Informe Demográfico, 26]. São Paulo: Fundação SEADE; 1994. p. 3-40.

MINAYO, M. C. S; GUALHANO, L. (2013). **Envelhecimento: bônus demográfico e desafio para o setor saúde.** Press Release. *Ciência e Saúde Coletiva*, vol 18, no.12, Rio de Janeiro, dez.

MORELL, M. G. M; COSTA, L. B. (1995). **Populações do Mercosul, evolução histórica e cenários futuros.** In: Mercosul, Blocos Internacionais. São Paulo em Perspectiva, vol. 9, n.1.

MORELL, MGG; BRANDÃO, MVM; VÁSQUEZ, D. (2011). **A Região Metropolitana da Baixada Santista no Censo 2010**. Boletim Semanal do Observatório das Metrôpoles, n.199, 24/08/2011, 25p.

MORELL, MGM; BRANDÃO, MVM; VÁSQUEZ, DA. (2012). **Dinâmica Demográfica da Baixada Santista: Suas Repercussões na Demanda por Serviços**. 10º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, UFRGS, Porto Alegre.

MORELL, MGM; BRANDÃO, MVM; VÁSQUEZ, DA (2012). **Retrato Demográfico da Baixada Santista: Desafios para as Políticas Públicas**. Anais do XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP, Águas de Lindoia, SP.

OPS (2002). Organización Panamericana de Salud. **Tendencias Demográficas y de Mortalidad en las Américas, 1980-2000**. Boletín Epidemiológico, Vol. 23 n3, septiembre.

RIBEIRO, L. C. Q.; SILVA, E. T.; RODRIGUES, J.; MOLINA, A. (2011). **O estado do Rio de Janeiro no Censo de 2010**. Rio de Janeiro, Boletim do Observatório das Metrôpoles, 185, III.

ROBINE, J. M; MICHEL, J. P. (2004). **Looking forward to a general theory of population aging**. J Gerontology A Biol Sci Med Sci. 2004; 59:590-7.

SABINO, W; MORELL, M. G. G. (2012). **Estudo comparativo das desigualdades raciais ao morrer no Brasil**. Anais do XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Águas de Lindoia, SP, Brasil, de 19 a 23 de novembro.

SEADE. (2003). **Anuário Estatístico do Estado de São Paulo**. Capítulo 1. Território e Regiões. [http://www.seade.gov.br/produtos/anuario/2003/1\\_intro.pdf](http://www.seade.gov.br/produtos/anuario/2003/1_intro.pdf)

\_\_\_\_\_. (2007). **Informações demográficas da Região Metropolitana da Baixada Santista**. Fundação Sistema Estadual de Análises de Dados.

\_\_\_\_\_. (2010a). **O retrato das mães paulistas e de seus filhos recém-nascidos**. YAZAKI, L.M.; WALDVOGEL, B.C. Série: Resenha de Estatísticas Vitais do Estado de São Paulo, Ano 10 – nº 4 maio.

\_\_\_\_\_. (2010b). **A Inversão da Pirâmide Etária Paulista**. FERREIRA, C. E. C.; CAPASSI, R. Série: Resenha de Estatísticas Vitais do Estado de São Paulo, Ano 10 – nº 3 abril.

\_\_\_\_\_. (2011). **Informações recentes revelam redução da migração no Estado de São Paulo e em suas metrôpoles**. PERILLO, S.; ARANHA, V.; CAPASSI, R.; PERDIGÃO, M.L. Série: Resenha de Estatísticas Vitais do Estado de São Paulo, Ano 11 – nº 3, abr.

VASCONCELOS, A. M. N; GOMES, M. M. F. (2012). **Transição demográfica: a experiência brasileira**. Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília, 21 (4): 539-548, out-dez.

VAZQUEZ, DA. (2011). Tendências Demográficas e Sócioeconômicas nos Municípios da Baixada Santista. In: VAZQUEZ, DA. (org.). **A Questão Urbana na Baixada Santista: políticas, vulnerabilidades e desafios para o desenvolvimento**. Santos/SP: Editora Leopoldianum/ Universidade Católica de Santos.

VAZQUEZ, DA; ALVES, HPF. (2011). Perfil populacional e Dinâmica Intraurbana no município de Santos. In: VAZQUEZ, DA. (org.). **A Questão Urbana na Baixada Santista: políticas, vulnerabilidades e desafios para o desenvolvimento**. Santos/SP: Editora Leopoldianum/ Universidade Católica de Santos.

YAZAKI, LM; AIDAR, T; GOZZO, V. C. (2010). **Vulnerabilidade sociodemográfica e o comportamento reprodutivo nas Regiões Metropolitanas da Baixada Santista e Campinas**. Anais do XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP, Caxambú.

YOUNG, AF; SANTOS, APR. (2008). **Desigualdade social, dinâmica populacional e meio ambiente: abordagem sobre o processo de urbanização da Região Metropolitana da Baixada Santista**. Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu, MG.